

Christopher Bollas: por uma psicanálise contracolonial

Christopher Bollas: towards a counter-colonial psychoanalysis

Lia Pitliuk*

Resumo

As práticas coloniais – de dominação e violência material e simbólica – constituem talvez o tema mais relevante e urgente que temos em nosso horizonte. Situando a psicanálise – tomada, antes de mais nada, como ética – do lado da subversão dos padrões coloniais de relação, este artigo propõe o trabalho de Christopher Bollas como um aliado de peso para um caminho contracolonial dos nossos modos de pensar e de agir, ao propor uma clínica com capacidade não só desconstrutiva – função essencial do que entendemos por psicanálise –, mas também inventiva, promotora de novos e potentes arranjos e posicionamentos existenciais.

Palavras-chave: Psicanálise. Ética. Bollas. Colonial. Racismo.

Abstract

Colonial practices – of domination and material and symbolic violence – constitute perhaps the most relevant and urgent theme we have on our horizon. Placing psychoanalysis – taken, first of all, as ethics – on the side of the subversion of colonial patterns of relationship, this article proposes the work of Christopher Bollas as a major ally for a counter-colonial path of our ways of thinking and acting, by proposing a clinic with a capacity not only to deconstruct – essential function of what we understand by psychoanalysis –, but also inventive, promoter of new and powerful existential arrangements and positions.

Keywords: Psychoanalysis. Ethics. Bollas. Colonial. Racism.

* Psicanalista e psicóloga. Membro do departamento de Psicanálise e do departamento de Psicanálise com Crianças do Instituto Sedes Sapientiae (SP), onde é docente no curso de formação de analistas. Coordenadora dos grupos “Winnicott: leituras e reflexões”, “Em Linha - Grupo de estudos e pesquisa sobre a clínica psicanalítica on-line” e “Parentalidade”. Membro do “Espaço Potencial Winnicott: estudo e pesquisa em Psicanálise”. Docente no curso de pós-graduação em Psicanálise, Parentalidade e Perinatalidade do Instituto Gerar de Psicanálise e em cursos livres deste Instituto e do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Supervisora e coordenadora de grupos de estudo sobre Freud, Winnicott e Bollas. São Paulo, SP, Brasil. lia.internet@gmail.com

Introdução

O intolerável das práticas coloniais – com as quais, já na terceira década do século XXI, continuamos a conviver, sobretudo no âmbito das problemáticas raciais – finalmente começa a ganhar o merecido destaque nos debates contemporâneos, depois de uma desatenção e um silenciamento que chegam a ser infames. A completa negação da violência do nosso passado colonial nos desviou da indispensável reparação dos crimes contra a humanidade como os que resultaram no extermínio de boa parte dos povos originários e, como em nenhum outro país, na escravidão dos povos africanos; permanecemos surdos, por um tempo longo demais, aos ecos de acontecimentos verdadeiramente obscenos, para dizer o mínimo.

Começamos a sair do apaziguamento do que parecia estar perdido num passado histórico, e a reconhecer a persistência das mais diversas práticas de violência e exclusão em todas as esferas da vida contemporânea. Multiplicam-se agora – entre outras ações afirmativas que recentemente vêm povoando nosso cotidiano – debates sociopolíticos e teórico-clínicos fundamentais, que chegam com um atraso imperdoável... mas, enfim, chegam. Vemo-nos convocados, afinal, a clarear nossas posições no combate das tantas práticas coloniais que seguem se desdobrando em várias formas de violência material e simbólica: raciais, de gênero, de classe, sexuais, de exploração do trabalho, contra a infância, contra a natureza, etc.

Temos que nos colocar em todas as frentes de batalha. No contexto da clínica psicanalítica individual – ponto privilegiado de interseção do político e coletivo com o particular e único –, pensar as práticas coloniais implica esmiuçar os componentes microestruturais que, no cerne das relações mais próximas e íntimas, tornam possível, sustentam e perpetuam esses cenários intoleráveis. O psicanalista argentino Ricardo Rodulfo, por exemplo, dedica-se a denunciar as formas naturalizadas e pouco percebidas de domínio, imposição e cerceamento das crianças por parte dos adultos, nos vários âmbitos em que se dão as relações entre ambos. Em outro contexto, Christopher Bollas afirma: “(...) há um fascista em cada um de nós (...)” (BOLLAS, 1992/2011, p. 81).

O fato é que, às vezes por vias truculentas, outras de formas sutis, a dominação de uns sobre outros é, talvez, o tema mais relevante que temos em nosso horizonte, e penso que devemos eleger a razão *colonizadora* como nosso maior e mais urgente objeto de investigação. Ou seja, é absolutamente prioritário que trabalheemos, agora e sempre, com a *lógica e as práticas coloniais* em cada um de nós: com a *colonialidade*, tão entranhada e naturalizada em nosso cotidiano

que seu desvelamento sempre se constitui, antes de tudo, num grande susto, num enorme mal-estar e na certeza da urgência de revisões críticas e reestruturações das nossas teorias e das nossas práticas.

Tomo aqui o termo *colonialidade* no sentido de uma lógica que subjaz às relações hierarquizadas, marcadas por vínculos de dominação/submissão. É um padrão de relacionamento em que se institui – no campo das experiências, dos saberes, dos modos de vida, da própria sobrevivência – uma divisão entre superiores e inferiores, mandantes e subalternos, exploradores e explorados, sábios e ignorantes, e tantas outras formas em que se dão as relações de poder.

O tema não se limita apenas às nossas relações com outros humanos: a destruição ambiental é prova irrefutável de que sabemos levar bem longe nossas vocações imperialistas. Mas, restringindo-nos à dimensão do que se passa entre humanos, *colonialidade* se refere a uma matriz de relações sociais, atravessando – constituindo, de fato – os campos subjetivo e intersubjetivo.

Desejamos uma psicanálise – tomada, antes de mais nada, como uma ética – que se situe do lado da subversão dos padrões coloniais de relação, baseados em desconsideração, silenciamento e tantas outras formas de violência contra os outros e contra si mesmo. Nessa linha, e numa perspectiva eminentemente clínica, este artigo propõe o trabalho de Christopher Bollas como um aliado de peso para um caminho contracolonial¹ dos nossos modos de pensar e de agir, um aliado para pensar uma clínica com capacidade não só desconstrutiva – função essencial do que entendemos por psicanálise –, mas também inventiva, promotora de novos e potentes arranjos e posicionamentos existenciais.

Cabe aqui uma advertência ao leitor que, nessa breve aproximação ao pensamento de Bollas, certamente identificará suas filiações e parcerias, suas retomadas e articulações de elementos do universo psicanalítico que nos são familiares desde sempre. Antes de mais nada, por seu vigoroso resgate do pensamento freudiano; mas também porque – restringindo-nos ao campo da psicanálise – opera com intuições e conceitos de Winnicott, Bion, Lacan, Klein, Heimann, Aulagnier, Green, McDougall e tantos outros. Isso tende a produzir uma sensação de estarmos em mares já muito conhecidos, de modo que só um

¹ Termo proposto por Antonio Bispo dos Santos em *Perspectiva contracolonial* (2020), depois de ter utilizado largamente a expressão “contracolonizador” em seu livro de 2015, numa ressonância, talvez, do que localizamos em livros de língua inglesa como *Counter-Colonial Criminology: A Critique Of Imperialist Reason*, de Biko Agozino, publicado na Inglaterra em 2003; ou o capítulo “Counter-colonial Research Methodologies Drawing upon Postcolonial Critique and Indigenous Onto-Epistemologies” do livro *Critical Qualitative Inquiry* publicado em Nova York em 2015.

contato mais extenso com sua obra descortina a fecundidade e a potência de suas proposições, quando tomadas em conjunto.

Para localizar o elemento-chave em que situo a articulação entre Bollas e uma perspectiva contracolonial, tomemos uma breve passagem da experiência relatada por Grada Kilomba – a autora portuguesa que se autodefine como teórica e artista multidisciplinar, e que trabalha em profundidade, entre outros, os temas do racismo e da colonialidade. A edição brasileira do seu belo e forte livro *Memórias de plantação – episódios de racismo cotidiano* se inicia com uma carta em que Kilomba descreve o que viveu ao se mudar de Lisboa para Berlim: “Não havia nada mais urgente para mim do que sair, para poder aprender uma nova linguagem. Um novo vocabulário onde eu pudesse finalmente encontrar-me. No qual eu pudesse ser *eu*.” (KILOMBA, 2008/2019, p. 11) E um pouco mais à frente: “Este livro é muito pessoal; escrevi-o para entender quem eu sou.” (*Id., ibid.*, p. 13)

Numa primeira aproximação, trata-se de uma referência literal a novas línguas e a um novo vocabulário com os quais a autora pôde elaborar pensamentos, percepções e sensibilidades; lendo-a um pouco mais, entretanto, vamos apreendendo quão diversos são os fatores que ela localiza no caminho deste *poder ser*: muitos e ricos *encontros* em Berlim. Encontros com pessoas, com livros, com ideias, estudos e ensinamentos; com a própria cidade que, segundo ela, passou por um processo de “consciencialização coletiva” que não tinha se dado em seu país natal.

Sigamos a pista que ela lança. Sua vida em Portugal tinha sido profundamente marcada pelo que chamou de “racismo cotidiano”, e Kilomba adiciona que a história colonial alemã não tinha sido menos terrível. Mas, diz a autora, ao contrário do que se deu em Portugal, na Alemanha teria havido um trabalho coletivo de tomada de consciência e reparação, o que lhe abriu perspectivas muito novas: Kilomba passou a viver “... rodeada de espíritos benévolos e transformadores, que deixaram uma riqueza linguística e uma marca intelectual *negra*, que eu consumia entusiasticamente” (*Id., ibid.*, p. 12).

De fato, é de uma potência dos encontros que ela nos fala; e, importante, não de encontros quaisquer, mas dos marcados por uma certa *qualidade*, muito diferentes dos que tinha em Portugal: “(...) uma sociedade que vive na *negação*, ou até mesmo na *glorificação* da história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas” (*Id., ibid.*, p. 12-13).

É com essa inspiração que me volto para a obra de Bollas que, parafraseando Kilomba, bem poderia ter escrito que uma prática analítica que vive na *negação*, ou até mesmo na *glorificação* de um pensamento colonial, não per-

mite que novas linguagens sejam criadas.

O autor se dedica, justamente, a favorecer “novas linguagens” aos analisandos, num sentido bastante ampliado: promover o que ele conceitua como *idioma pessoal*, cerne de uma vida que se possa chamar de *própria*. Um “cerne”, sim, mas sem ecos essencialistas ou deterministas: o que ele chama de idioma é articulação do universo inconsciente com o mundo dos objetos de todas as naturezas; é articulação de presente-passado-futuro; é vivo, é movimento, é absolutamente processual.

Temos então um caminho para uma prática analítica contracolonial, através da pesquisa dos *processos* pelos quais os idiomas se instituem, se expandem, se perpetuam, se congelam – ou mesmo definham: frente a idiomas mal desenvolvidos, travados, congelados, implementar *processos transformacionais* que possibilitem um aumento da capacidade receptiva dos sujeitos, uma “ampliação do próprio inconsciente” (que não o recalado) – e, por esse meio, o desdobramento de um *idioma próprio* com o qual construir vida, com o qual construir futuros.

Uma clínica que, a meu ver, bem merece o qualificativo de *contracolonial*.

Consciência e razão

Márcio

Pouco antes da pandemia, Márcio vem a uma consulta presencial, queixando-se de estar há um bom tempo sem dormir, numa tensão insuportável ligada às altas exigências do trabalho e do seu chefe. É um rapaz jovem, negro, bonito e agradável, estilo “bom filho e bom rapaz”: gentil, simpático, sorridente, articulado, ponderado, objetivo. Vive com seu namorado há vários anos. Descreve sua família como “comum”: seus pais se separaram quando ainda não tinha 2 anos e o pai, com quem teve pouco contato, faleceu quando Márcio estava com 7 anos; tem um irmão mais novo e um padrasto de quem gosta. Teve muita dificuldade de contar à família sobre sua orientação sexual e se surpreendeu muito com a tranquilidade com que aceitaram o fato. Há muitos anos vive fora da sua cidade natal, mantendo contatos esporádicos com seus familiares, sem muito envolvimento mútuo.

Como Márcio vivia fora de São Paulo, seguimos através de consultas em-linha (*on-line*) pelo aplicativo *Zoom*, utilizando áudio e vídeo, e nelas não percebo diferenças significativas em relação ao nosso encontro presencial. Nessas consultas emerge seu mal-estar por se considerar absurdamente sub-

misso às expectativas, regras e exigências dos outros, e entende que seu pico de tensão tem a ver com satisfazer as expectativas do chefe – impossíveis, muitas vezes. Conforme vai contando, acaba aproximando isso do seu estilo com os amigos, com a mãe, com todos: considera-se submisso, e mesmo covarde. Chega então à ideia de que não sabe quanto realmente ama seu parceiro e quanto é só adaptado à situação, que nunca soube o que quer ou o que é, nunca teve planos realmente seus. Formulo que essa era a sua dor e a sua busca, e decidimos dar início à sua análise.

Márcio inicia o processo trazendo histórias infantis de submissão e medo tanto em casa quanto com os meninos na escola, que associa com sua descoberta da homossexualidade e um pavor de que os outros viessem a saber dela; conta também histórias de chefes um tanto sádicos. São relatos muito bem organizados: Márcio segue pelo caminho da reflexão racional e dedutiva, tentando deslindar suas questões com inteligência e lógica. Várias vezes comenta que sempre suprimiu sentimentos, que não sabe o que é espontaneidade, que não faz ideia do que “pode querer ou não” etc.

Numa sessão com temática de situações de trabalho, eu lhe digo que notava nele um desejo intenso de um mentor ou líder que lhe dissesse o que querer, o que sentir e o que fazer. Associei com o desejo de um pai que soubesse bem das coisas e pudesse lhe dar algumas certezas e algumas garantias, de que ele precisava bastante. Márcio fica em silêncio, penso que está digerindo o que ouviu.

Na sessão seguinte, Márcio sugere que desliguemos as câmeras de vídeo para melhorar a qualidade da conexão, e então me pergunta sobre o que já tinha obtido nessa análise até ali, sentindo que estávamos à deriva. Considera que anteriormente tínhamos chegado a uma “ilha de compreensão” muito interessante sobre seu desejo de um mentor ou líder, mas que se não tivéssemos um fio bem determinado de como seguir, continuaríamos à deriva, e aquilo não serviria para nada.

Sinto a tentação de contra-argumentar e, com alguma dificuldade, me contendo, reconhecendo ali um sinal de que havia algo importante e difícil acontecendo na relação.

A arquitetura lógica de todo o material parecia irrepreensível: ele demandava um pai que o organizasse – na infância, no trabalho e, agora, na análise. Tudo parecia “se encaixar”... exceto pela irritação mútua no ar. Não era um pedido, Márcio estava me pressionando, me desafiando a ser uma “mentora ou líder” eficiente, já que eu tinha me portado como tal, e precisei me conter bastante para não reagir ao desafio.

A psicanálise nasce reconhecendo e desconstruindo a pretensão de supremacia da consciência sobre o psiquismo, sobre o corpo e sobre os atos, desvelando as múltiplas formas como os derivados do inconsciente se presentificam e codeterminam os movimentos vitais. Não cessamos de desfazer a colonialidade em nós mesmos e em nossas teorias e práticas, sabendo bem que ela renasce em cada fresta, comumente em novas roupagens. Renasce nas relações de cada um consigo mesmo, nas relações com cada outro e, como não poderia deixar de ser, também no interior da clínica cotidiana.

Estou me referindo às convicções de que, pela via da cognição, da racionalidade e da reflexão, seria possível saber muitas coisas sobre o outro e sobre si mesmo. Isso implica desconhecer o universo que caracteriza o psicanalítico. Chega a ser surpreendente acompanhar, nos debates clínicos, os exercícios de raciocínio e os resultados a que se chega a partir de informações da história de alguém: razão, dedução, ideologização, generalização, lógica... por esses meios, a clínica é permanentemente atravessada por modos de apreensão e de interpretação que desconsideram o inconsciente, seus processos, sua inventividade, a singularidade de suas produções.

É a essa problemática que Adam Phillips se dirige, em seu prefácio a *The Christopher Bollas Reader*:

Como a psicanálise pode deixar de ser, ela mesma, uma versão daquilo que procura curar? Como pode evitar ser um estreitamento da mente, uma simplificação do self, quando cada uma das escolas psicanalíticas tem uma história essencialista para contar sobre o que uma pessoa é e o que deveria ser? A psicanálise é “sobre” o inconsciente e, no entanto, os próprios psicanalistas parecem conscientes demais do que devem fazer. O custo dessa sabedoria tem sido o que, numa entrevista, Bollas denominou “a falha devastadora” da psicanálise, “a falha em compreender a criatividade inconsciente do analisando” (PHILLIPS, 2011, p. VIII).

Não se pode combater a negação, ou a dissociação, com pressuposições de conteúdo ou quaisquer outras deduções de ordem generalista sobre o funcionamento psíquico singular. Propor-se a permanecer atento a determinados pontos... capturar o que emerge através de certas chaves-mestras de compreensão... planejar que tipos de articulações *deveriam* ser feitas... privilegiar determinados aspectos e assuntos nos processos analíticos... são formas gritantes desse desencaminhamento clínico.

Para começar, essas são proposições ingênuas: são extremamente complexos os meandros psíquicos, estamos todos subjetivamente comprometidos

com forças conflitantes de tantas ordens e graus de consciência que não cabe supor tamanha capacidade de administração, vigilância e controle.

Mas não se trata apenas de ingenuidade: arrogando-se o direito de eleger, no campo intersubjetivo, o que há de mais significativo ou urgente, a consciência tende a modos de percepção, pensamentos e discursos racionais, universalistas e ideologizados – e esta é a faceta alienante e violenta do trato com a questão. Embora fazendo muito barulho, estes acabam, de fato, trabalhando em prol de uma clivagem das subjetividades (BOLLAS, 1992/2011). Mais que ingênuas, são práticas colonizadoras sobre o outro e sobre si mesmo que antecipam, organizam, enquadram, direcionam, higienizam, apequenam, suprimem.

Por onde, então? Temos aqui um dos primeiros convites de Bollas: recuperar a confiança dos analistas nos processos inconscientes, na criatividade inconsciente.

Eu acho que se um analista tem em mente um objeto favorecido (...) então a teoria funciona como um fetiche. É uma defesa contra a ansiedade de castração proposta pelo encontro analítico. É claro, esse encontro pode eliciar ansiedade de castração, especialmente se você almeja tentar dominar o analisando através do seu trabalho analítico (...) O que aconteceu, ao longo do tempo, é que os analistas mudaram as traves e agora estão trabalhando com modelos que assumem que a consciência do analista pode observar, captar ou interpretar o inconsciente do analisando *in situ*. Isso só é psicologicamente possível se removemos a teoria do inconsciente de nossas mentes. Infelizmente, os postulados tácitos de muitos psicanalistas revelam um abandono da crença em processos inconscientes. Penso que agora estamos vivendo dentro da Teocracia da Consciência. Nesse novo estado nós encontramos uma forma de consciência hipertrofiada com o/a analista funcionando como uma espécie de Deus. Na melhor das hipóteses, ele ou ela é um Deus observador – ciente de tudo que está acontecendo; ou é um Deus interpetante, mas de qualquer modo um Deus que tem objetos feticistas para apoiar o ato de dominação do analisando (BOLLAS, 2007a/2008, p. 15-16).

Aí está colocada, com todas as letras, a consideração de Bollas de um estilo colonial de se praticar a psicanálise, que ele combaterá com veemência. Grande parte de sua obra se volta para uma retomada do lugar da produtividade inconsciente no psiquismo humano, pensada a partir da *Interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900/1976), da noção de *trabalho do sonho*, da experiência do

sonhar. Numa inspiração claramente deleuziana, o psicanalista britânico pensa o inconsciente como uma *usina*: uma forma de inteligência, ele dirá, ligada à percepção inconsciente e que se compõe como rede potencialmente infinita de associações. Um inconsciente que se expande com o acolhimento de percepções que ressoam com os caminhos elaborativos do sujeito.

É a ideia de um inconsciente receptivo, paralelo ao inconsciente recalcado. Enquanto este último é regido pela necessidade de defesa, o inconsciente receptivo tem o *potencial* de operar num caminho generativo, engendrando conexões, questionamentos, novas configurações e novas perspectivas.

Uma nova articulação idiomática

Márcio

Seguem-se algumas sessões com câmeras desligadas, em que ele conta várias histórias, e em certo momento eu lhe digo que ele estava recuperando lembranças de situações com figuras de autoridade – incluindo seu pai – nas quais, sem brigar, ele encontrava modos sutis de se rebelar. Desta vez seu silêncio depois da minha fala me faz pensar que não devo mesmo estar dizendo coisas de valor para ele: em vez de suscitar mais associações, o que digo faz com que se cale.

Ele então me acusa de ser contraditória: numa sessão eu teria dito que ele queria um mentor ou um pai, e em outra que ele é rebelde. Capto também um tom mais enérgico e provocativo do que o habitual.

Espantada, tenho vários pensamentos. Primeiro, que fui pega numa armadilha, e que “tudo que eu dissesse seria usado contra mim”. Sem vê-lo por vídeo, eu o imagino com uma expressão maldosa, um tanto diabólica, “armando o bote”. Penso que este Márcio é muito diferente daquele que eu tinha aprendido nas consultas e sessões anteriores, e que estamos em “terreno minado”; que era como se uma grande tempestade, ou guerra, estivesse prestes a explodir. E me dou conta de sentir *medo dele*, medo de uma explosão de violência.

Encontramos um segundo ponto de ancoragem de um trabalho contracolonial – totalmente solidário com o anterior – na sustentação de Bollas de uma *articulação idiomática singular* como meta da clínica analítica. Junto à tarefa original e fundamental da psicanálise – facilitar que o recalcado se reintegre ao psiquismo –, Bollas afirma uma vocação inventiva e construtiva do processo psicanalítico, baseada justamente no apoio à articulação e ampliação do que ele chama de *idioma pessoal*. Trata-se de uma proposta clínica que, claramente,

se insurge contra as muitas formas de dominação que tolhem a espontaneidade, a integridade, a dignidade, a existência.

Nascido com *disposições* idiomáticas singulares, cada ser teria a tendência – e a potencialidade – de desenvolver padrões próprios e únicos de ser, de viver e de se relacionar. Uma *tendência* e uma *potencialidade* que, em graus variáveis de liberdade e intensidade, se atualizarão de acordo com a natureza dos encontros com o mundo, pois será *entre* disposição e experiência vivida – ou seja, entre as tendências formais próprias e os modos como o ambiente as reconhece e ressoa às suas expressões – que se constituirá o “*unique design*” (BOLLAS, 1989b, p. 18) do sujeito.

Seu conceito-chave para a articulação idiomática é o de *experiência estética* nos encontros com os objetos, no sentido de *forma* em contraste com *conteúdo*: *modos* de ser, de perceber e de sentir, *figurações* do existir e do se relacionar. Não que o autor despreze as articulações verbais ou imagéticas: as atividades narrativas de todo tipo, por exemplo, serão instrumentos essenciais da sua clínica, mas sempre tomadas como elementos que se presentificam nas relações com os objetos – em parte através de encontros casuais e aleatórios e, em parte, graças à busca inconsciente ativa de determinados tipos de encontros e de experiências. Bollas, assim, centra sua proposta clínica na potência enriquecedora e transformadora das *relações com os objetos*, através das quais o padrão pessoal se estabelece e se amplia.

Minha visão é de que a criança, o bebê e especialmente o adulto usam todos os objetos do mundo como um tipo de léxico para a liberação do self, para a elaboração da inteligência das formas da personalidade e, portanto, trata-se de um modo de usar os objetos que possa liberar o idioma singular de cada pessoa (BOLLAS, 1998, p. 141)

Dada a importância de recusar modos coloniais de relação, surge aqui uma dificuldade preocupante relativa à utilização das palavras *sujeito* e *objeto*. Perguntamo-nos: considerando a genealogia e as reverberações desses termos, podemos seguir usando-os sem que isso implique rebaixamento da integridade e da condição de existência dos assim chamados “objetos” – humanos ou não, e mesmo inanimados? Indo mais longe: poderemos empregar a expressão *uso do objeto*, cunhada por Winnicott, sem supor aí a presença de relacionamento desrespeitoso ou abusivo?

A questão demanda muita reflexão e debate. Dado que atravessa toda a psicanálise desde os seus inícios, não temos como desdobrar o assunto no âm-

bito deste artigo. Assim, continuaremos a utilizar os dois vocábulos – sujeito e objeto –, abrindo a questão ao diálogo e mantendo a advertência de que se considere, a cada passo, a complexidade envolvida no uso desses termos por parte de cada autor.

A psicanálise sempre utilizou o termo *objeto* de modo muito abrangente. Já em Freud temos objeto externo, interno, da pulsão, da necessidade, parcial, total, fetiche, de fantasia, da percepção, da identificação... a lista é imensa. Winnicott, por sua vez, introduz, por exemplo, as noções de objeto transicional, objeto subjetivo, objeto objetivamente percebido. Bollas adiciona, entre outros, os conceitos de objeto transformacional, evocativo, conservativo, terminal. E assim por diante.

Lembremos que essas não são qualificações dos objetos em si, e menos ainda implicam que algum ente/coisa/ser tenha em si mesmo a vocação – e menos ainda a obrigatoriedade – de ter determinada função para alguém. Trata-se, sempre, de modos de relação *subjetiva* que se estabelece. Como, por exemplo, quando nos relacionamos com o pensamento de um autor como um aliado, como um inimigo, como um sonífero, um confortador, um mobilizador etc. É assim que Bollas estudará, inclusive, as múltiplas relações de cada um consigo mesmo, como vemos em seu texto *O self como objeto* (BOLLAS, 1987/2018), ou as relações do analista com as teorias psicanalíticas, propostas como objetos que o afetam e transformam, dilatando sua capacidade de apreensão e de ressonância, sua capacidade associativa e de pensamento.

Aliás, cabe aqui uma pequena digressão, dado o nosso interesse pelo tema da colonialidade. O autor propõe que cada analista se aprofunde no conhecimento das escolas psicanalíticas de maior importância, com a ressalva de que se evite que as teorias sejam mantidas na consciência, dirigindo a atenção e impedindo o vínculo com a experiência inconsciente. Concebendo-as como formas de percepção, Bollas propõe que o analista permita que as teorias se alojem em seu inconsciente receptivo, sem que ele as mantenha sob seu foco. Caso contrário, situadas em posição de poder sobre as significações – ou seja, em posição colonial –, esses objetos interrompem a produtividade inconsciente: é quando então o remédio se transforma em veneno.

A este respeito, Phillips é contundente no final de seu prefácio: “Ironicamente, os analistas continuaram querendo saber demais o que estão fazendo, quando é precisamente este conhecimento que pré-esvazia as possibilidades da psicanálise” (PHILLIPS, 2011, p. IX). Porque, como diz Bollas, “A maior parte da mudança psíquica ocorre inconscientemente e não precisa entrar na consciência, quer na do analista, quer na do analisando” (BOLLAS, 2007b/2008, p. 80).

É assim, por este prisma que a ideia winnicottiana de *uso do objeto* ganha lugar central no pensamento de Bollas: através dos *usos*, o idioma pessoal se articula, nos encontros estéticos com os objetos. “Em alguns aspectos, o conteúdo latente – se pensamos no verdadeiro self – só pode ser descoberto através do uso do objeto (...)” (BOLLAS, 1989c/2019, p. 28).

Recepção e celebração das novas expressões idiomáticas

Márcio

Percebendo meu próprio medo, me ocorre que a passividade e a atitude subservente de Márcio pudessem ser respostas a um medo que ele próprio sentia – medo de uma violência advinda de si mesmo, ou de mim, ou de ambos. Busco um meio de tratar disso sem provocar mais defesas, dizendo-lhe que nos conhecíamos há pouco tempo, que eu não tinha a pretensão de saber muito sobre ele, e que tinha começado a pensar em algumas coisas que talvez fossem úteis para entender seu mal-estar e sua desorientação na vida. E que eu gostaria de compartilhar isso só quando ele sentisse que era um bom momento.

Márcio se mostra curioso e interessado, adicionando, em tom divertido, que não imaginava que analistas precisassem de autorização para falar. Foi sua primeira expressão de humor na análise e rio levemente, percebendo que meu modo de falar tinha tocado num ponto-chave e que tinha aberto uma nova via de contato.

Ele então me pede para contar o que eu tinha pensado, e só *a posteriori* me dou conta de quanto mimetizei seu modo racional de articular as ideias. Digo que tínhamos uma contradição importante a observar, que ele não vinha me parecendo submisso ou se adaptando muito a mim, como se via e se descrevia; que, bem ao contrário, eu o vinha sentindo muito firme, sustentando o que pensa, questionando minha consistência como analista e me desafiando a lhe provar que “análise faz bem”.

Ele se surpreende, pensa um pouco e comenta que costuma desafiar seu companheiro e as pessoas do trabalho, que deseja “desbancar a autoridade” das pessoas, ainda que de forma pouco explícita. Fica confuso, não sabe como juntar isso com sua impressão de ser um “submisso covarde”, a contradição o aflige. A sessão termina com sua enunciação de uma espécie de veredicto: que sempre pensou que era “um bonzinho desejando ser rebelde”, mas que talvez seja “um subversivo desejando ser bonzinho”.

...

As qualidades receptivas, evocativas e transformacionais de cada objeto propiciam oportunidades de elaboração e ampliação idiomática, que serão mais ou menos utilizadas por cada sujeito, dependendo tanto da sua liberdade interna quanto da disponibilidade do objeto em se deixar usar. Notamos que Márcio não utilizou o *conteúdo* das minhas falas como meio de compreensão sobre si mesmo; diferente disso, usou minha *posição* frente a ele – a posição de quem sabia o que ele desejava ou precisava –, localizando nisso uma oportunidade de questionar, desafiar e recusar.

É nessa perspectiva que Bollas situa o encontro com o analista:

[Para os nossos pacientes] somos objetos de uso muito mais complexo, de forma que o manejo deste uso assemelha-se às infinitas modalidades com as quais se usa um instrumento numa orquestra sinfônica, que é um modo de se pensar e se expressar enquanto sujeito. É o que o paciente faz com o analista, e este, por sua vez, traz uma resposta, profundamente inconsciente, ao idioma do paciente. Por ser inconsciente, nada sabemos ou compreendemos sobre ela. Sabemos que ela existe, sentimo-la como se fosse uma *impressão* (marca) deixada em nós (...) nossos pacientes imprimem algo em nós. (BOLLAS, 1998, p. 141)

Bollas sublinha, justamente, que a relação com o analista não se dá simplesmente pela projeção dos protótipos vividos na infância, mas de uma apreensão de características do objeto² – do analista, no caso – que permitam ao analisando *usá-lo* para sua elaboração idiomática. Foi essa oportunidade que Márcio agarrou, começando a articular um padrão idiomático que, por razões que desconhecíamos, até então estava restringido, cerceado, impedido.

Cabia a mim, analista, receptionar essa nova expressão idiomática.

Usos do objeto

Márcio

Fico impactada pelo “veredicto” de Márcio, pela força de suas autodefinições, apoiadas em estereótipos: é “um bonzinho” ou é “um subversivo”. Penso que em seu sistema representacional não há lugar para parcialidades, contradições, conflitos. Em paralelo, a partir desse seu modo de lidar com essas *personas*, tenho algumas fantasias: a de que outra pessoa tivesse assumido o seu lugar ali

² A essa captação, Bollas chama de *identificação perceptiva* (BOLLAS, 2007c).

comigo, quando desligamos as câmeras; a de Márcio vivendo personalidades múltiplas; a de que ele tivesse perfis falsos em redes sociais. Observo ainda que essa última fantasia me fez lembrar da fala de um ator sobre sua profissão lhe permitir viver muitas vidas, variadas e interessantes.

Lembrando que “esse outro Márcio” pôde aparecer, para nós, quando desligamos a câmera, sugiro que sigamos sem câmeras, e este personagem vai se fazendo cada vez mais presente. Aumentam sua desconfiança em relação a mim e à minha competência e surge uma boa dose de competição. O tema do medo, que até então aparecia como medo dos outros, envereda por fantasias de agredir e machucar.

Começo a falar disso, perguntando-lhe sempre se era momento adequado para a reflexão, se ele mesmo tinha percebido algo, se valia a pena que eu falasse ou que esperássemos por suas próprias percepções. Funcionamos como parceiros na condução do trabalho para que “os dois Márcios” permanecessem presentes nas sessões.

Num dia eu lhe falo da minha hipótese de que a câmera desligada parecia um bom ambiente para este “novo Márcio” viver e ele, intrigado, se põe a explorar como se comporta e como se sente quando se comunica por e-mail, por telefone, nos encontros em-linha e na convivência presencial. Até que, em certo momento, conclui que “quando não precisa mostrar a cara, é outra pessoa”. “É o subversivo”, eu declaro, e, com sua pronta resposta – “com certeza!” –, digo-lhe que agora que este Márcio estava batizado, poderíamos conhecer a sua história.

Bollas sublinha a importância crucial de *objetos que se deixem usar*, para que o idioma se articule e se expanda. Objetos que ressoem com a singularidade do sujeito. Objetos que não impeçam ou aniquilem suas experiências, impondo-lhe modos de sentir e de agir. Como o autor diz numa entrevista à revista *Percurso*: “(...) o objeto deve ser usado de maneira a possibilitar que o self seja verdadeiro consigo mesmo” (BOLLAS, 1998, p. 142).

Para o autor, assim como para Winnicott, a *experiência em si* é profundamente transformadora, e o trabalho interpretativo e/ou reflexivo, quando possível, também o será, *desde que esteja apoiado nas experiências vividas*.

Assim, um *analista que se deixe usar* – no sentido estético – será fundamental para o processo analítico: que se disponibilize para o que for ativado pelo encontro. Não se trata, de modo algum, de uma decisão consciente do analista, exceto no sentido de permitir que sua integridade, que seu modo de ser fique disponível para o uso do analisando. O que se requer é uma *decisão* de permitir que o idioma do analisando se “espraie”, digamos assim, e se pre-

sentifique no que Bollas chama de “*character*” – traduzido ao português ora como *personagem*, ora como *caráter*.

Personagem traz a dimensão ótima da literatura ou do teatro, tão pertinente a este caso e muito presente na obra de Bollas, mas que carrega um peso de *falso self*, distorcendo o sentido dado pelo autor. Já *caráter* traz a vantagem de seguir na linhagem do termo em psicanálise, mas traz outros problemas como, por exemplo, o da associação com patologias, com caricaturas ligadas a certos tipos de sintomas e de modos de ser. Aliás, foi assim que Márcio pensou em si mesmo: “um bonzinho” ou “um subversivo” – formas estereotipadas de ser.

Manteremos *caráter*, no momento, porque Bollas está longe de se remeter aos estereótipos: ele rejeita essa tendência à simplificação, típica do nosso funcionamento consciente:

Se o mundo interno se refere às atividades da mente, o caráter se refere às atividades do *self* no real. Pode-se ter muita dificuldade de descrever um idioma de uma pessoa, mas o fato do idioma é perceptível. (...) caráter é *self* como forma. Para conhecer o caráter de uma pessoa nós temos que experienciá-lo (BOLLAS, 2011, p. 239).

Ou seja, é a concretização do idioma no real da vida. É a tradução do idioma do sujeito nas suas condutas, nos seus *modos* de se relacionar e de transmitir suas produções associativas.

Sendo assim, Bollas nos convida a atentar para o *efeito* do caráter sobre nós, o efeito do que se *apresenta em ato* nas experiências intersubjetivas. Propõe que atentemos para a *forma* da comunicação e para as impressões que os encontros nos deixam – dependendo da nossa capacidade receptiva, da nossa capacidade de entrega à experiência. Convida-nos, ainda, a desenvolver formas de *uso* do que apreendemos, na direção de facilitar ao analisando os trabalhos de recepção e de elaboração do que nele se fez caráter.

A produtividade inconsciente

Márcio

Márcio fica muito entusiasmado com a ideia de que em sua vida havia “outro Márcio” com uma história própria, e vai então retomando uma série de episódios da história deste “outro”. Trata-se de situações em que manifestações im-

pulsivas eram censuradas e coibidas em sua família: não se podia ter expressões espontâneas, inventivas ou lúdicas em geral, chegando até ao ponto de que a própria alegria não era algo bom de se ter.

Retoma um pesadelo horrível, repetitivo: tinha acontecido um assassinato, e embora ele não tivesse nada a ver com aquilo, estava apavorado com a convicção de que seria incriminado. A estrutura do pesadelo era sempre a mesma, só as punições variavam: às vezes prisão perpétua; às vezes escapava desesperado, sentindo que ia ter que fugir para sempre; outras vezes, seu futuro seria viver escondido no porão de uma casa.

“Como Anne Frank no sótão”, eu lhe digo. Uma frase espontânea, uma associação que praticamente “saltou” em meu pensamento, e que me parecia suave e naturalmente inserida na linhagem das associações.

Márcio não conhecia *O diário de Anne Frank* (FRANK, 1947/2019), um objeto da cultura ocidental que insiro, movida pelo universo associativo montado entre nós. Ele então busca e assiste ao filme, lê o livro, assiste ao filme novamente, e me conta que em todos os seus contatos com a história ele se lembrava do “surto” de sua mãe quando, uma vez, ele chegou da escola com um lápis que não era seu. Ela gritava “enlouquecidamente” que isso não podia acontecer, que assim ele seria descoberto, que todos iriam confirmar que “menino negro é mesmo ladrão”. E Márcio completa: como Anne Frank seria – e foi – descoberta.

Para estimular a produtividade inconsciente, o psicanalista britânico se apoia no modelo de funcionamento psíquico e no método apresentados por Freud em *A interpretação de sonhos* (FREUD, 1900/1976). De fato, Bollas pensa o trabalho do sonho como gestor não só dos processos oníricos durante o sono, mas também, das articulações psíquicas cotidianas do sujeito desperto; e concebe a associação livre como um método não apenas para abrir caminho para a expressão do recalcado, mas como meio de promoção da própria expansão da rede psíquica inconsciente, o que necessariamente amplia as capacidades elaborativas e inventivas do sujeito. “Evocando série após série de derivados do inconsciente, a psicanálise amplia o alcance e a profundidade do pensamento inconsciente e, portanto, expande a própria mente inconsciente” (BOLLAS, 2009, p. 25),

Pela associação livre, diz Bollas, o sujeito acessa e seleciona, inconscientemente, distintos objetos que, por ressoarem com sua própria estética de base, lhe convêm para serem *usados*: usados para viver experiências e, assim, para a articulação e expansão idiomática. São modos de desdobrar, reativar, revitalizar o que estava entorpecido ou imobilizado.

Notemos: sua noção de associação livre é bastante ampliada, envolvendo tanto as expressões do analisando, em sua multiplicidade de formas – incluindo as dimensões do agir e do sentir –, como seus efeitos no analista e no par analítico. As associações do próprio analista, assim como a contratransferência, serão, elas mesmas, tomadas por Bollas como partes fundamentais da associação livre, e serão apreendidas e posteriormente *usadas* para reflexão e elaboração.

Racialidade, negritude, racismo

Márcio

Sua lembrança da “mãe enlouquecida” inaugura um longo caminho de articulação das determinações familiares, o *conhecido não pensado*, tal como nomeado por Bollas, que limitou tão radicalmente seu idioma. Para resumir suas elaborações, Márcio apreendeu que o idioma familiar sempre foi fortemente regido pelo imperativo de que não se pode confirmar a crença do mundo sobre “a perversidade do homem negro”, sobre “suas tendências a ser irresponsável, incompetente, mulherengo, ladrão, estuprador, assassino”. Era necessário que negros fossem “polidos, equilibrados, dóceis, racionais, eficientes”. Assim, Márcio vinha dedicando sua vida a cumprir os mandatos do apagamento, sofrendo tanto a persecutoriedade referente a ser descoberto em sua “incompetência e mau-caratismo” – ou seja, no que vivia como sua negritude – quanto ao vazio de uma vida voltada a afirmar um modo de ser pré-formatado, em que qualquer expressão espontânea representa uma ameaça.

Como não poderia deixar de ser, a análise envereda por uma busca muito sofrida de um idioma próprio. Por exemplo, ele não só tinha que enfrentar sua dúvida sobre desejar ou não seu parceiro – já que não sabia o que era desejar –, mas agora tinha uma pergunta sobre quanto à própria homossexualidade: não teria sido um modo de coibir o risco de ser um “violentador de mulheres”? Começa a se perguntar se sua experiência é mesmo de homossexualidade ou se não é mais de uma assexualidade, a partir de um esmagamento da sua sexualidade, assim como da sua agressividade, sua espontaneidade, sua vitalidade de modo geral. Também começou a apreender de novas formas os seus embates com seus chefes, seus terrores sobre como seria julgado, suas relações com seus pares.

Enfim, todo um caminho desconstrutivo que, em muitos momentos, o ameaçava de “então não ser nada, ficar sem nada”. Claro, conseguíamos pensar

que se perguntar e se rever já eram modos próprios de ser, efeitos da *sua* história e do *seu* movimento de busca e de sustentação da sua análise. Mas em muitos outros momentos ele só conseguia pensar que “não é possível nascer de novo depois de uma vida inteira trancado no sótão”.

Márcio passa a ler e a assistir muitos vídeos sobre racismo e perseguição de povos, e em paralelo vamos fazendo o trabalho meticuloso de pensar o que *ele* sente e o que *ele* associa com o que lê e a que assiste. Todo o tempo nós nos perguntamos se ele pode concordar, discordar ou mesmo não ter opinião ainda sobre algum dos pontos; ou seja, buscamos focar na *sua experiência* com cada objeto.

Ele também mergulha em pesquisas sobre as suas experiências com negros e com brancos, com sua família e com os espaços públicos, com seus impulsos e seus temores e, nesse caminho, começa a se perguntar “que outras negritudes existem além da oprimida e da criminosas”. Para essa elaboração, oscila entre os discursos dos grupos de afirmação da identidade negra e a busca da história do seu pai – aquele que Márcio, depois de muito trabalho interno, diz que “deveria ter sido” o seu mentor, e que ele intui que conhecia outras formas de ser e de viver. Acha que isso estaria envolvido na separação dos seus pais, e que teria muito a ver com força e com masculinidade.

O congelamento idiomático é uma das estratégias mais utilizadas para minimizar os riscos sempre presentes quando assumimos nossos idiomas; e muito mais, evidentemente, frente às intolerâncias e violências raciais, de gênero, sexuais, etc. “Despedir-se dessa fantasia de perfeição é a terceira tarefa crucial para o *sujeito negro*, a fim de não se limitar à/ao ‘*Outra/o*’ desidealizado nem à/ao ‘*Outra/o*’ idealizado, mas para chegar ao eu complexo” (KILOMBA, p. 235)

Como contraponto ao congelamento, o encontro analítico se configura em espaço propício para que o analisando *faça uso* do analista e de todo o *setting*, vivendo experiências até então interditas. Num segundo momento, estas experiências poderão ser utilizadas pelo par analítico para um trabalho de recepção e de elaboração do que se apresentou.

Nunca se tratou de uma análise apoiada nas questões das relações raciais: estas foram se configurando como elementos de peso ao longo do processo, sem que eu as tivesse pressuposto como chaves interpretativas. Na realidade, e certamente para minha surpresa, foi só a partir da minha associação do porão com o sótão em que Anne Frank vivia, que o assunto começou a ganhar espaço nas minhas elaborações conscientes. Penso que desse ponto de vista – temático –, foi importante que internamente eu não estivesse muito à frente dos processamentos e defesas de Márcio: isto colaborou muito para que a análise não tenha se configurado, ela mesma, em novo agente colonizador.

Neste sentido, sublinho que também os porões da ditadura entraram em minhas associações, frente ao relato de Márcio do “enlouquecimento” de sua mãe, mas optei por não incluí-los no espaço analítico: uma menina escondida num sótão é muito diferente de alguém sob tortura, e entendi que deveríamos aguardar para conhecer a magnitude da violência sentida e imaginada por ele e por sua família.

De fato, isto foi se apresentando aos poucos. Embora Márcio tenha se interessado inicialmente por Anne Frank, seus caminhos de pesquisa e elaboração foram logo dirigidos às questões da África, do negro, da escravidão, do racismo. E foi muito interessante acompanhar seu percurso na direção de conceber círculos concêntricos cada vez mais amplos: sua história pessoal foi se inserindo na história das relações raciais em seu universo familiar, que por sua vez foi sendo inserida na história das relações raciais em nosso país, que por sua vez foi se incorporando na história das relações raciais no mundo.

Interformalidade

Os desdobramentos dessa análise fazem pensar que o essencial se localiza, de fato, na análise do analista, com seu efeito de abertura às trocas em níveis estéticos – afetivos e formais – com os quais o conteúdo ganha sentido e valor. Com Márcio, vivi experiências intensas: a sensação de ser capturada numa armadilha; o medo da violência – nele, e também em mim, pela via de uma atitude colonizadora em análise; o humor e a atitude brincante com os *personagens* que surgiam; o retorno dos terrores persecutórios ligados às histórias do nazismo e da ditadura militar, agora articulados ao tema do racismo. Um sem fim de efeitos mobilizados por esse encontro analítico.

É o campo do que Bollas chama de *interformalidade* (BOLLAS, 2011), fundamental para a ampliação idiomática: no desdobramento da relação analítica – que permite, e mesmo fomenta, a liberdade para associar (das mais diversas formas) –, surgem novas articulações idiomáticas que, não sendo apreendidas pela consciência, são captadas a partir dos seus *efeitos* no analista. Ou seja, a partir do trabalho do analista com a contratransferência.

Minha história pessoal e meu universo cultural me ofereceram mais proximidade com as perseguições sofridas por brancos (judeus e presos políticos) do que pela população negra. Entretanto, sem que eu estivesse previamente voltada ao tema do racismo, o encontro com Márcio foi capaz de fazer ressoar, em mim, os impactos da perseguição e da opressão que, juntos, pudemos fazer

ecoar em seus determinantes individuais, familiares, sociais.

É assim que objetos das mais diversas categorias – humanos, culturais, vivos e inanimados, concretos e abstratos – foram sendo evocados e usados como formas de comunicação e de articulação idiomática. As figurações de sôtão e porão, por exemplo. Num certo momento, aliás, Márcio adiciona imagens do filme *O quarto de Jack*, com o qual começa a pensar que não é possível nascer de novo, mas em suas palavras, “talvez sair do porão e construir algo que preste com aquilo tudo”.

Dá-se um verdadeiro processo de disseminação: cada elemento associativo – como *Anne Frank*, “o negrinho ladrão”, *O quarto de Jack* ou o escravo no pelourinho, que apareceu mais tarde – convoca muitos e muitos outros.

Mais uma vez, vale a pena escutarmos Phillips:

Temos que considerar a possibilidade, como Bollas aponta, de que o explosivo (ou implausível) da psicanálise não fosse a “sexualidade infantil” ou a ideia de pulsão de morte; era a ideia de que as pessoas fossem encorajadas a falar livremente. (...) Falar livremente, com alguém escutando livremente, é um ato radical, assombroso e historicamente sem precedentes, e, por definição, imprezível (...). (PHILLIPS, 2011, p. VIII)

Trata-se de retomar verdadeiramente a invenção freudiana da *escuta flutuante*, ampliada e melhor nomeada como *recepção flutuante*: um modo de estar com o outro que Bollas aproxima da escuta de poesia, ou da meditação. A colonialidade é uma lógica da *supremacia* e da *dominação*, o que, fatalmente, engloba o modo como se recebe e se trata o idioma do outro – seja do outro externo, seja do outro em nós mesmos. Bollas nos convoca a uma recepção que busca se libertar do aprisionamento de temas e de significados, por mais importantes que sejam – como o tema do racismo certamente o é –, de modo que o que venha do outro – seu idioma, seu caráter ou personagem – possa “se imprimir” em nós.

Talvez seja essa a maior contribuição que, num processo analítico, podemos oferecer ao combate a um padrão colonial de pensar e de se relacionar.

Tramitação

Recebido 12/03/2022

Aprovado 25/05/2022

Referências

- BOLLAS, C. (1987). The self as object. In: _____. *The shadow of the object – psychoanalysis of the unthought known*. London: Routledge, 2018, p. 23-38.
- _____. (1989a). Glossary. In: _____. *Forces of destiny – psychoanalysis and human idiom*. London: Routledge, 2019, p. 159-161.
- _____. (1989b). A theory for the true self. In: _____. *Forces of destiny – psychoanalysis and human idiom*. London: Routledge, 2019, p. 7-18.
- _____. (1989c). The destiny drive. In: _____. *Forces of destiny – psychoanalysis and human idiom*. London: Routledge, 2019, p. 19-38.
- _____. (1992). The fascist state of mind. In: _____. *The Christopher Bollas Reader*. London: Routledge, 2011, p. 79-93.
- _____. Pulsional impiedoso e receptividade materna. *Percurso – Revista de Psicanálise*, ano XI, 1º semestre 1998, p. 136-145.
- _____. (2007a). Psychic transformations. In: _____. *The freudian moment*. London: Karnac, 2008, p. 1-32.
- _____. (2007b). What is theory? In: _____. *The freudian moment*. London: Karnac, 2008, p. 71-84.
- _____. (2007c). Perceptive identification. In: _____. *The freudian moment*. London: Karnac, 2008, p. 65-70.
- _____. Free association. In: _____. *The evocative object world*. London: Routledge, 2009, p. 4-28.
- _____. Character and interformality. In: _____. *The Christopher Bollas Reader*. London: Routledge, 2011, p. 238-248.
- FRANK, A. (1947). *O diário de Anne Frank*. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2019.
- FREUD, S. (1900). *A interpretação de sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 4 e 5).
- KILOMBA, G. (2008). *Memórias de plantação – episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- PHILLIPS, A. Foreword. In: BOLLAS, C.; JEMSTEDT, A. *The Christopher Bollas Reader*. London: Routledge, 2011, p. VIII-XIX.
- SANTOS, A. B. dos. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.
- _____. *Perspectiva contracolonial*. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bhdV4u8Dt20&t>>. Acesso em: 12 mar. 2022.